

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS INGLÊS  
FACULDADE DE LETRAS – FALE

Beatriz Tavares Soares de Miranda

**Ministério do Amor: A representação da tortura na sociedade distópica de *1984***

Maceió

2021

BEATRIZ TAVARES SOARES DE MIRANDA

**Ministério do Amor:**

**A representação da tortura na sociedade distópica de *1984***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do curso de Letras Inglês, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus A.C. Simões, como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras Inglês.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Ildney de Fátima Souza Cavalcanti

Maceió

2021

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecária: Lívia Silva dos Santos – CRB-4 – 1670

M672m Miranda, Beatriz Tavares Soares de.

Ministério do amor: a representação da tortura na sociedade distópica de 1984 /  
Beatriz Tavares Soares de Miranda. – 2021.  
35 f.:il.

Orientadora: Ildney de Fátima Souza Cavalcanti.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras Inglês: Licenciatura) –  
Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 33-35

1. Tortura. 2. Literatura - Romance. 3. George Orwell – Romance 1984. I. Título.

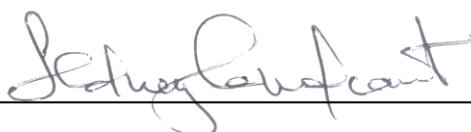
CDU: 82-31

## Folha de Aprovação

AUTOR: Beatriz Tavares Soares de Miranda

Ministério do Amor: A representação da tortura na sociedade distópica de 1984

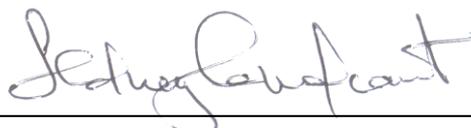
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Letras - Língua Inglesa e suas Literaturas da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 28 de setembro de 2021.



---

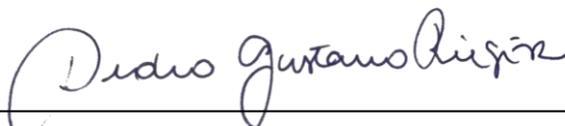
**Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Ildney de Fátima Souza Cavalcanti (UFAL) - Orientadora**

**Banca Examinadora:**



---

**Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Ildney de Fátima Souza Cavalcanti - UFAL (Presidente e Orientadora)**



---

**Prof. Dr. Pedro Gustavo Rieger - UFAL (Examinador)**



---

**Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Irene Maria Dietschi - UFAL (Examinadora)**

## RESUMO

Este estudo visa a refletir sobre questões relativas às figurações da tortura representadas no romance *1984* (2009), de George Orwell, em especial na Parte III, em que figuram as cruéis cenas em que o protagonista Winston Smith é torturado no Ministério do Amor. Nesse percurso, recorro a trechos do romance para apontar as formas pelas quais a tortura é metaforizada nessa ficção. Para subsidiar a análise, exploro conexões entre a obra de Orwell e estudos de Ângela Maria Dias (2005) acerca do tema da crueldade; de Tom Moylan (2016) e Lyman Tower Sargent (1994) sobre a distopia; de Erich Fromm (1961), Ben Pimlott (1989) e Thomas Pynchon (2003), em suas considerações a respeito do universo de *1984* e seus impactos nos momentos históricos em que produziram suas críticas; de Glauco Mattoso (1984) com definições e caracterizações da tortura; de Roger Paden (1984) a respeito da história da tortura e correlações com a obra literária orwelliana; e de Evanir Pavloski (2014), que faz uma análise minuciosa do romance em foco. Ademais, elucido os objetivos por trás das práticas executadas pelo Partido, metaforização da única e soberana forma de governo dessa distopia, simbolizando um regime autoritário. Por fim, dou ênfase à alarmante contemporaneidade do romance a que o autor nos remete, especialmente no tocante aos diálogos com a nossa sociedade vigente.

**Palavras-chave:** George Orwell. 1984. Tortura. Distopia. Contemporaneidade.

## ABSTRACT

This study aims to reflect on issues related to the figurations of torture represented in George Orwell's novel *1984* (2009), particularly in Part III, which portrays the scenes in which the protagonist Winston Smith is tortured in the Ministry of Love. To this effect, I draw on excerpts from the novel to point out the ways torture is metaphorized in this fiction. The theoretical background for the analysis is explored by means of the connections between Orwell's novel and studies by Ângela Maria Dias (2005) on the theme of cruelty; by Tom Moylan (2016) and Lyman T. Sargent (1994) on dystopia; by Erich Fromm (1961), Ben Pimlott (1989) and Thomas Pynchon (2003) in their impressions regarding the universe of *1984* and its impacts on the historical moments in which the authors produced their critiques; by Glauco Mattoso (1984) on definitions and characterizations of torture; by Roger Paden (1984) regarding the history of torture and correlations with the Orwellian literary work; and by Evanir Pavloski (2014), who provides a thorough analysis of the novel in focus. In addition, I elucidate the goals behind the practices performed by the Party, the metaphorization of the only and sovereign form of government in this dystopia, symbolizing an authoritarian regime. Finally, I emphasize the novel's alarming contemporaneity, especially regarding the correlations between the novel and our current society.

**Keywords:** George Orwell. 1984. Torture. Dystopia. Contemporaneity.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS ACERCA DO UNIVERSO ORWELLIANO DA TORTURA</b> .....	7
<b>2 A TORTURA: SENTIDOS E FIGURAÇÕES NO ROMANCE</b> .....	9
<b>3 AS TORTURAS NA FICÇÃO ORWELLIANA: MODULAÇÕES E FINALIDADES</b> .....	15
3.1 Desorientação e Confusão Mental .....	17
3.2 Privações .....	19
3.3 Dor e Intimidação .....	20
<b>4 QUARTO 101: O CLÍMAX</b> .....	23
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ECOS NA CONTEMPORANEIDADE</b> .....	29
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	33

# 1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS ACERCA DO UNIVERSO ORWELLIANO DA TORTURA

Este estudo teve origem na disciplina Literatura da Língua Inglesa 3, durante o sexto período de minha graduação em Letras Inglês na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Nessa disciplina<sup>1</sup>, foi proposta a leitura do romance *1984*, de George Orwell.<sup>2</sup> Após esse contato inicial, ingressei no grupo de estudos Literatura e Utopia (L&U)<sup>3</sup>, que promove pesquisas e estudos situados nas interfaces entre os utopismos e a literatura e/ou outras expressões culturais. Com isso, meu direcionamento acadêmico tornou-se mais específico, uma vez que eu me identifiquei profundamente com tais temáticas de estudos. Em 2019, houve o *V Colóquio de Literatura e Utopia*, com a temática “1984, Hoje”, realizado como parte da *9ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas*, pela UFAL, por meio da Edufal. Como parte das minhas atividades no grupo, apresentei nesse evento o trabalho em forma de pôster intitulado “O Ministério do Amor: o propósito da tortura na sociedade distópica do romance *1984*”<sup>4</sup>.

Este estudo foi então realizado em memoração a George Orwell e ao aniversário de 70 anos de seu romance distópico *1984*, bem como de sua notável correlação com nossa atualidade. Em sua representação de uma sociedade distópica, Orwell potencializa os mecanismos totalitários, contrapondo-os à realidade do pós-guerra e oferecendo um alerta contra a disseminação dos princípios totalitários e autoritários. Dito isso, este trabalho visa a analisar as representações das torturas físicas e psicológicas, perceptíveis especialmente na Parte III do romance, em que o protagonista Winston Smith é torturado no Ministério do Amor, local simbólico onde as pessoas são punidas por atitudes consideradas indevidas pelo governo vigente – o Partido. Analiso, mais especificamente, a construção ficcional das torturas na narrativa, por meio da observação de trechos selecionados com base na figuração dos diferentes modos de tortura representados na obra.

Como base teórica para tais análises, conto com as considerações de Glauco Mattoso (1984), que discute sobre definições, características, exemplos e formas de execução de tortura,

---

<sup>1</sup> Ministrada por minha professora e orientadora Ildney de Fátima Souza Cavalcanti.

<sup>2</sup> Após a conclusão da disciplina e da leitura do livro, em 2019, Ildney organizou uma mesa-redonda na Faculdade de Letras e nos convidou para fazermos parte da sessão coordenada “1984, 70 anos”, na “XII Semana de Letras: Arte e Ciência: A interdisciplinaridade da linguagem”, em que estendemos um pouco mais as reflexões e discussões acerca de *1984*.

<sup>3</sup> Registrado no diretório da CNPq, vinculado ao PPGLL pela FALE-UFAL e coordenado pela professora Ildney Cavalcanti. Mais informações no site: <https://www.literaturaeutopia.net/>.

<sup>4</sup> Link para acesso ao PDF do pôster:

<https://documentcloud.adobe.com/link/track?uri=urn:aaid:scds:US:77d60da3-01be-445a-bfbe-cdab3601cbc0>

oferecendo os subsídios para a categorização e discussão sobre as representações ficcionais da tortura no romance de Orwell. Ademais, baseio-me também em Roger Paden (1984), autor do artigo “Surveillance and Torture: Foucault and Orwell on the Methods of Discipline” [Vigilância e Tortura: Foucault e Orwell acerca dos Métodos de Disciplina], o qual analisa cronologicamente as formas de tortura que já existiram, em contraponto com as atuais, intercalando as discussões com as ideias de Foucault e o romance *1984*. Também definirei o gênero literário distopia, em diálogo com *1984*, de acordo com considerações de Tom Moylan, autor da obra *Distopia: Fragmentos de um céu límpido* (2016), a qual conta, por sua vez, com contribuições de Lyman Tower Sargent (1994) em sua teorização sobre esse gênero literário. Por fim, conto com as considerações de Erich Fromm (1961) e de Thomas Pynchon (2003), autores de ensaios no posfácio da edição consultada do romance de Orwell para este estudo, uma vez que o ensaio de Fromm (1961) foi escrito antes do ano 1984, contexto em que as pessoas temiam uma “previsão orwelliana” do futuro, destacando o aspecto admonitório do romance, enquanto Pynchon (2003) analisa pontos da obra em diálogo com a realidade do século XX, apresentando novas formas de controle e vigilância, a exemplo da internet.

Os passos adiante incluem breve contextualização da tortura, com base em considerações de Roger Paden (1984), definições gerais e jurídicas sobre a tortura, à luz de um juiz de direito, de um professor da mesma área e do escritor e jornalista Glauco Mattoso (1984), bem como discussão acerca do gênero literário distopia, com fundamentação teórica de Moylan (2016) e Sargent (1994).

## 2 A TORTURA: SENTIDOS E FIGURAÇÕES NO ROMANCE

No artigo acima citado, “Surveillance and Torture: Foucault and Orwell on the Methods of Discipline” (1984), Roger Paden tece considerações acerca da história das punições e da tortura, bem como suas especificidades, as quais sofreram alterações ao longo do tempo, em consonância com as mudanças ocorridas nas estruturas sociais. Em primeira instância, o autor aponta a “admonitory torture” [tortura admonitória], que se configura por meio de punições expostas ao público com o intuito de afirmar o poder e a autoridade do soberano. Posteriormente, a “didactic humanistic” [didático-humanística], sendo seu exemplo mais famoso a “chain gang”<sup>5</sup>, a fim de o trabalho árduo evitar novos crimes e reformar os criminosos, bem como de evidenciar as punições. Por fim, o autor menciona a prisão/confinamento, um tipo de tortura mais restrito e individual, longe da visão do público e com acompanhamento mais próximo dos prisioneiros. Sobre esse tipo de punição, o escritor pontua que:

Uma vez que o/a criminoso/a era aprisionado, era possível observá-lo/a de perto, gravar detalhadamente seu comportamento e descobrir como ele diferia dos/as cidadãos/ãs normais e criar um programa de treinamento para modificar tal comportamento de acordo com a norma<sup>6</sup> (PADEN, 1984, p. 264, tradução nossa).

A detalhada descrição de Paden (1984) leva-nos a refletir sobre o metafórico Ministério do Amor orwelliano, destacando os traços da vigilância e do controle, uma vez que a personagem Winston é constantemente observada, analisada, torturada e, finalmente, reformada por seus algozes, conforme suas preferências. Durante toda a narrativa orwelliana a representação do famoso Grande Irmão evidencia a vigilância constante, considerando a figuração das teletelas. Um dos exemplos é demonstrado no momento em que o protagonista, preso e faminto no Ministério do Amor, tenta colocar a mão no bolso para pegar o que imaginara serem migalhas de pão, quando prontamente ouve gritos das teletelas: “‘Smith’, gritou a voz da teletela. ‘6079 Smith W.! Tire a mão do bolso!’”<sup>7</sup> (ORWELL, 2009, p. 268), revelando o total controle sobre os indivíduos. Ademais, a respeito do processo de mudança de comportamento, Paden (1984) destaca os objetivos das punições e torturas enquanto configuração de todo um processo em direção a uma reforma humana, que é o mesmo objetivo do regime autoritário do romance distópico orwelliano:

<sup>5</sup> Vários criminosos acorrentados uns aos outros e forçados a exercer trabalhos comunitários.

<sup>6</sup> “Once the criminal was imprisoned it was possible to watch him closely, to record his behavior in minute detail, to discover how his behavior differed from that of the normal citizen, and to design a training program to modify his behavior towards that norm” (PADEN, 1984, p. 264). Todas as traduções para o português são de nossa autoria, excetuando-se os casos em que o tradutor ou tradutora estiver listado/a nas referências.

<sup>7</sup> “‘Smith!’ yelled a voice from the telescreen. ‘6079 Smith W! Hands out of pockets in the cells!’” (ORWELL, 2018, p. 229).

[...] preferencialmente reformar o sujeito. Isso não é feito por meio de ameaças ou critérios morais, mas por meio de um treinamento cuidadoso. Novos padrões de comportamentos podem ser criados por meio de um processo de treinamento, que envolve um número de elementos. [...] requer não só um objetivo a longo prazo, mas objetivos transitórios, pelos quais o comportamento do sujeito pode ser moldado<sup>8</sup> (PADEN, 1984, p. 264).

No figurado Ministério orwelliano, Winston enfrenta etapas que visam à renúncia de sua individualidade, à reformulação de suas crenças e à alteração de sua personalidade, organizadas pela personagem torturadora representada por O'Brien, um membro poderoso do regime autoritário:

Era O'Brien que comandava tudo. Era ele que lançava os guardas contra Winston e também quem impedia que o matassem. Era ele que decidia quando Winston devia gritar de dor, quando devia ter um descanso, quando devia ser alimentado, quando devia dormir, quando as drogas deviam ser injetadas em seu braço. Era ele que fazia as perguntas e sugeria as respostas. O'Brien era o algoz, o protetor, o inquisidor, o amigo<sup>9</sup> (ORWELL, 2009, p. 287).

No total controle da situação, a figura torturadora informa Winston a respeito dos três estágios pelos quais passará dentro do Ministério, com o objetivo de atingir o que o carrasco denomina “reintegração”: “‘Sua reintegração tem três estágios’, afirma: ‘Primeiro aprendizado, depois compreensão, no fim aceitação’”<sup>10</sup> (ORWELL, 2009, p. 305). Cada estágio era pautado em informações e interesses que o algoz compartilhava com sua vítima, de modo a moldar sua mente para que pensasse e acreditasse no que o carrasco quisesse, por meio das torturas. Com isso, Paden (1984) considera as formas de tortura ocorridas em *1984* como “tortura moderna”, em que os objetivos são de “criar conformidade por meio da aterrorização, desumanização e a destruição dos desejos através de incalculável e prolongada dor”<sup>11</sup> (p. 265).

O substantivo feminino “tortura”, em sua etimologia, possui o sentido de “torcer” e abre possibilidades para numerosas variações quanto às definições, considerando que há diferentes meios de execução dessa prática, e é tarefa no mínimo cuidadosa colocar em palavras aquilo que é sentido tanto na pele quanto no plano psicológico. Glauco Mattoso, em sua obra *O que é*

<sup>8</sup> “[...] rather to reform its subject. This is done, not through threats or moral insight, but through careful training. [...] it requires not only the long term goal of normality but intermediate goals, through which a subject's behavior can be shaped. This makes it necessary to institute a set of minor rewards and punishments which can serve to motivate the subject”.

<sup>9</sup> “It was O'Brien who was directing everything. It was he who set the guards onto Winston and who prevented them from killing him. It was he who decided when Winston should scream with pain, when he should have a respite, when he should be fed, when he should sleep, when the drugs should be pumped into his arm. It was he who asked the questions and suggested the answers. He was the tormentor, he was the protector, he was the inquisitor, he was the friend” (ORWELL, 2018, p. 247).

<sup>10</sup> “‘There are three stages in your re-integration,’ said O'Brien. ‘There is learning, there is understanding, and there is acceptance’” (ORWELL, 2018, p. 263).

<sup>11</sup> “to ‘create conformity by terrorization, dehumanization and the destruction of the will through prolonged, incalculable pain’” (PADEN, 1984, p. 265).

*tortura* (1984), ressalta que ela “[...] pode ser definida como *todo sofrimento a que uma pessoa é submetida por outra, desde que de propósito da segunda e contra a vontade da primeira*” (p. 29, grifo do autor), enfatizando que uma pessoa sempre é torturada contra sua vontade<sup>12</sup>. Voltando nossa atenção ao viés jurídico, o juiz de direito Rodrigo José Meano Brito (2015) pontua que a tortura “[...] se caracteriza por qualquer conduta pela qual se inflige à vítima intenso sofrimento físico ou mental, com uma finalidade específica [...]” (p. 85). E prossegue: “[...] é um ato cruel qualificado pelo especial fim de agir” (p. 86). Ainda, o professor de Direito Penal e Criminologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Édson Luís Baldan (2020), em um contexto mais atual, aborda um ponto pertinente a este estudo: a dignidade humana. “A tortura não atinge apenas a integridade física [...], em verdade, atinge o núcleo de direitos intangível de qualquer pessoa, que é sua dignidade” (p. 8-9). Dito isso, a prática da tortura estende-se além do sofrimento e da dor no plano físico, tangenciando aspectos como a moral, o respeito e a decência de cada um/a. Além disso, o autor argumenta na “[...] dignidade da pessoa humana [...] como centro do complexo fundante do Direito Natural, já que o amor ao próximo, como semelhante, residiria a verdadeira essência do homem [e da mulher] e a natureza do ser humano” (p. 8).

Analisemos os conceitos apresentados em relação à representação das personagens Winston e O’Brien, prisioneiro e carrasco, no Ministério do Amor da narrativa orwelliana. A figura representante do Partido utiliza a tortura como instrumento legal, e não criminoso, pautando-se na premissa de que Smith estava errado e o carrasco, por sua vez, correto. Logo, a representação da autoridade inverte os papéis: Winston é o criminoso e a mimese estatal é a lei, que tem por objetivo fazê-lo pagar por atos ilegais. Como forma metafórica de punição, O’Brien inflige intenso sofrimento a Smith, que vivencia as faces do que se define por tortura, de acordo com os autores Mattoso (1984), Brito (2015) e Baldan (2020) – sofrimentos físico e mental, resultando em degradação da dignidade. Quanto ao quesito da finalidade específica, na narrativa de Orwell destaca-se o propósito último da personagem O’Brien: uma redenção de Smith por suas atitudes consideradas ilegais, convertendo-se genuinamente ao soberano Partido: “Não nos contentamos com a obediência negativa nem com a submissão mais abjeta. Quando finalmente se render a nós, terá de ser por livre e espontânea vontade”<sup>13</sup> (ORWELL, 2009, p. 298), pontua a figura torturadora O’Brien. Na sequência da narrativa, após a vítima Winston já ter sido torturada e se encontrar em péssimo estado tanto físico quanto emocional, o carrasco indaga:

---

<sup>12</sup> “Quanto à sua vontade, ficou claro que a tortura só existe se contrariá-la” (p. 30).

<sup>13</sup> “We are not content with negative obedience, nor even with the most abject submission. When finally you surrender to us, it must be of your own free will” (ORWELL, 2018, p. 257).

“Pode imaginar alguma degradação que ainda não tenha sofrido?”<sup>14</sup> (p. 318). E Winston responde: “‘Não traí Julia’, disse”<sup>15</sup> (p. 318). A personagem O’Brien toca precisamente no ponto sobre o “amor ao próximo”, que, segundo o professor Baldan (2020), é fundamental para a essência e natureza humana, ferindo o que ele chama “dignidade” ao macular esse intrínseco sentimento.

Em complementação à definição de tortura que venho construindo, vale ressaltar, ainda, que a representação dessa prática, para o propósito deste estudo, caracteriza-se desde o mínimo desconforto físico ou psicológico até um nível descomunal de dor causados a personagens da narrativa orwelliana, visando ao apavoramento e à intimidação, em função da manutenção do poder de um regime de governo autoritário, conforme metaforizado na obra. Caso a intimidação não funcione em sua totalidade, a mimese da tortura configura-se em lavagem cerebral, por meio de excruciante exposição à dor, com o objetivo de reconstruir a personalidade da vítima na ficção, fazendo-a renunciar a sua antiga essência e assumir uma identidade estatal. A tortura vem sendo representada como uma das recorrências temáticas da literatura distópica, como evidenciada, por exemplo, em *Nós* (1924) de Ievguêni Zamiátin, *Laranja mecânica* (1962) de Anthony Burgess e *O conto da aia* (1985) de Margaret Atwood. Exploro, na sequência, alguns comentários sobre a distopia, uma vez que a obra de Orwell dialoga com este gênero literário, e a fortuna crítica já vem explorando este romance pelo seu viés distópico, embora haja pouco sobre a especificidade da tortura.

O gênero distopia, segundo Moylan (2016), “é a sombra da utopia literária” (p. 27), isto é, trata-se de um universo genuinamente pessimista e negativo com aspectos como vigilância, controle e perda da liberdade. Moylan (2016) refere-se ao romance de Orwell como um “desespero admonitório” (p. 28), uma vez que a obra foi considerada como uma espécie de previsão fictícia do futuro ou mesmo um metafórico alerta para toda a sociedade acerca dos possíveis desdobramentos de um governo autoritário, ainda que no plano literário. Nessa perspectiva, Sargent (1994) pontua que algumas distopias

são profundamente pessimistas e podem ser vistas como uma continuação da ideia do pecado original... Mas muitas distopias são admonições autorreflexivas. Uma admonição implica que a escolha, e então a esperança, ainda são possíveis (SARGENT *apud* MOYLAN, 2016, p. 64).

A admonição distópica permite-nos atentar para um alerta ficcional que pode ter pontos de contato com a realidade e, com isso, fazer-nos tentar evitar a verossimilhança de cenários distópicos, como aqueles apontados por Sargent (1994) e Moylan (2016) e representados em

<sup>14</sup> “‘Can you think of a single degradation that has not happened to you?’” (ORWELL, 2018, p. 275)

<sup>15</sup> “‘I have not betrayed Julia,’ he said” (ORWELL, 2018, p. 275).

1984. O romance de Orwell é considerado por Philip Rahv “o melhor antídoto para a doença totalitária que qualquer escritor já escreveu” (RAHV *apud* MOYLAN, 2016, p. 45), uma vez que essa obra simboliza a metaforização dos perigos e ciladas de regimes autoritários. Com isso, a admonição de Sargent une-se à ideia de antídoto de Rahv, consolidando o alerta orwelliano a todos/as que ainda concordam ou almejam formas de governo semelhantes às representadas em *1984*. Posto isso, a ficção distópica é expressa de maneira particular, conforme Hillegas em *The future as nightmare* [O futuro enquanto pesadelo]:

Assustadoras em suas semelhanças, [as distopias] descrevem estados de pesadelo nos quais homens são condicionados à obediência, a liberdade é eliminada, e a individualidade é esmagada; onde o passado é sistematicamente destruído e os homens são isolados da natureza; onde ciência e tecnologia são empregadas, não ao enriquecimento da vida humana, mas à manutenção da vigilância do Estado e controle de seus cidadãos escravos (HILLEGAS *apud* MOYLAN, 2016, p. 27).

A maioria dos elementos apontados por Hillegas estão figurados na ficção de *1984*, como o condicionamento à obediência, a eliminação da liberdade e individualidade, a destruição do passado, a manutenção da soberania estatal e o total controle do povo, além do uso da tecnologia para fins governamentais. A tortura, a um olhar cuidadoso, está presente nesses elementos dentro da ficção orwelliana, a exemplo das teletelas enquanto figuração da vigilância e do controle constantes, como expõe o seguinte trecho da Parte I do romance:

Todo som produzido por Winston que ultrapassasse o nível de um sussurro muito discreto seria captado por ela; mais: enquanto Winston permanecesse no campo de visão enquadrado pela placa de metal, além de ouvido também poderia ser visto<sup>16</sup> (ORWELL, 2009, p. 13).

Ainda, além de viverem em uma espécie de prisão aberta, na distopia de Orwell as personagens também sofrem imposições sobre o que podem consumir, sendo os alimentos racionados e de baixa qualidade. Outro fator de controle no romance – e por que não de tortura? – é a proibição da escrita, considerada um ato criminoso. Segundo Moylan (2016), “[...] o controle sobre os sentidos da língua, sobre a representação e a interpelação, são armas e estratégias cruciais na resistência distópica” (p. 82). Na ficção orwelliana a metaforização da escrita torna-se um símbolo de resistência da personagem Winston, pois ao escrever ele sabe que comete um grave erro, mas assume o risco, experimentando sensações desagradáveis: “Mergulhou a caneta na tinta e vacilou por um segundo. Suas entranhas foram percorridas por um estremecimento. Marcar o papel era o ato decisivo”<sup>17</sup> (ORWELL, 2009, p. 17). Então, o protagonista escreve:

<sup>16</sup> “Any sound that Winston made, above the level of a very low whisper, would be picked up by it; moreover, so long as he remained within the field of vision which the metal plaque commanded, he could be seen as well as heard” (ORWELL, 2018, p. 4).

<sup>17</sup> “He dipped the pen into the ink and then faltered for just a second. A tremor had gone through his bowels. To mark the paper was the decisive act” (ORWELL, 2018, p. 8).

“4 de abril de 1984”<sup>18</sup> (p. 17, grifo do autor). Porém, essa cena vai além de um ato de rebeldia e resistência, tornando-se também um ponto chave na narrativa. Acerca disso no universo distópico, Moylan (2016) teoriza que

[...] a contranarrativa se desenvolve conforme os/as ‘cidadãos/as distópicos/as’ mudam de um aparente contentamento para uma experiência de alienação que é seguida de um crescente despertar, e então uma ação que leva a um evento climático que pode (ou não) desafiar ou mudar a sociedade (p. 81).

A escrita no diário representa metaforicamente o despertar de Winston, conforme acima mencionado por Moylan, evidenciando a rebeldia antirregime da personagem do romance. Com isso, Orwell inflama a curiosidade dos/as leitores e leitoras, que anseiam saber quais serão os desdobramentos da narrativa a partir de um ato tão decisivo e simbólico do protagonista.

Ao longo do romance, Winston conhece uma personagem que pensa de forma também rebelde, semelhante a ele: Julia, por quem se apaixona e desenvolve sentimentos de afeto, confiança e lealdade. Ela passa a ser sua parceira nas ideias, na quebra de regras e no amor, e os dois desenvolvem uma espécie de relacionamento às escondidas, uma vez que o coito e a troca de ideias – como as deles: contrárias ao Partido – eram desencorajados na política estatal da ficção orwelliana. Tempos depois, os dois são capturados enquanto passavam uma tarde juntos num pequeno quarto sobre a loja da personagem Sr. Charrington – figurando uma traição do lojista –, localizada no bairro dos proletas e, curiosamente, onde Winston comprara o seu diário tempos atrás.

Após esse evento, inicia-se a Parte III do romance, o qual se encerra de maneira catastrófica, considerando tudo o que acontece no metafórico e misterioso Quarto 101, que será discutido mais adiante, havendo uma assimilação completa da personagem principal. Isso evidencia o profundo senso de pessimismo evocado pela obra, ao qual se referem Sargent (1994) e Moylan (2016) nas discussões acima tecidas, bem como no seguinte fragmento:

[Orwell] constrói uma estrutura narrativa que nega a possibilidade de uma resistência utópica opositiva – seja em uma formação organizada, em ações individuais como as de Winston e Julia ou no dia-a-dia dos/as proles. O romance de Orwell é, portanto, um exemplo eloquente de uma distopia que se inclina em direção a um pessimismo antiutópico (MOYLAN, 2016, p. 101).

Dito isso, passo agora às análises dos trechos do romance, salientando as figurações de tortura que mais se destacam na narrativa e que são mais relevantes para que o Partido tenha êxito em suas etapas dentro do Ministério, enfoque do estudo, comentando esses trechos junto às considerações de Mattoso (1984).

---

<sup>18</sup> “April 4th, 1984” (ORWELL, 2018, p. 8).

### 3 AS TORTURAS NA FICÇÃO ORWELLIANA: MODULAÇÕES E FINALIDADES

As dramáticas torturas se desenrolam a partir da organização dos estágios mencionados na seção anterior. Considerando o primeiro estágio, o do aprendizado, após dolorosas sessões de torturas e questionamentos, a figura O'Brien revela ao protagonista a finalidade desses procedimentos: "Não nos limitamos a destruir nossos inimigos; nós os transformamos"<sup>19</sup> (ORWELL, 2009, p. 297). O algoz ainda afirma que, após a mudança de pensamento que lhe será provocada, o protagonista Winston será destruído e esquecido para sempre. Ele, então, questiona acerca da relevância de tal mudança em uma de suas tentativas de manter-se firme a sua própria opinião, e O'Brien contrapõe, fazendo Winston desacreditar de suas verdades:

Quando finalmente se render a nós, terá de ser por livre e espontânea vontade. Não destruímos o herege porque ele resiste a nós; enquanto ele se mostrar resistente, jamais o destruiremos. Nós o convertemos, capturamos o âmago de sua mente, remodelamos o herege. Extirpamos dele todo o mal e toda a ilusão; trazemos o indivíduo para o nosso lado, não de forma superficial, mas genuinamente, de corpo e alma. Antes de eliminá-lo, fazemos com que se torne um de nós. É intolerável para nós a existência, em qualquer parte do mundo, de um pensamento incorreto, por mais secreto e impotente que seja. Nem no momento da morte podemos permitir o mínimo desvio<sup>20</sup> (ORWELL, 2009, p. 299).

E continua o raciocínio com: "Ninguém que seja trazido para este lugar se rebela contra nós. Todos passam por uma lavagem completa"<sup>21</sup> (ORWELL, 2009, p. 299). Portanto, o objetivo do regime no primeiro estágio das figuradas torturas na narrativa orwelliana é fazer com que o indivíduo pertença inexoravelmente ao sistema.

No estágio dois, o da compreensão, a principal questão levantada é a noção de realidade. Neste momento do romance, Winston chega à beira da demência, perdendo os sentidos que lhe permitem distinguir o que é verdade e o que não é. Logo, o objetivo do metafórico regime é impedir que o protagonista pense e questione de forma autônoma: "A realidade existe apenas na mente do Partido, que é coletiva e imortal"<sup>22</sup> (ORWELL, 2009, p. 292). Com isso, o protagonista seviciado perde sua individualidade e passa a fazer parte do coletivo: o regime autoritário – aspecto clássico de uma ficção distópica.

---

<sup>19</sup> "We do not merely destroy our enemies, we change them" (ORWELL, 2018, p. 255).

<sup>20</sup> "When finally you surrender to us, it must be of your own free will. We do not destroy the heretic because he resists us: so long as he resists us we never destroy him. We convert him, we capture his inner mind, we reshape him. We burn all evil and all illusion out of him; we bring him over to our side, not in appearance, but genuinely, heart and soul. We make him one of ourselves before we kill him. It is intolerable to us that an erroneous thought should exist anywhere in the world, however secret and powerless it may be. Even in the instant of death we cannot permit any deviation" (ORWELL, 2018, p. 257).

<sup>21</sup> "No one whom we bring to this place ever stands out against us. Everyone is washed clean" (ORWELL, 2018, p. 257-8).

<sup>22</sup> "[The reality exists] only in the mind of the Party, which is collective and immortal" (ORWELL, 2018, p. 252).

Acerca desse tema, Erich Fromm (1961) discute a forma pela qual a verdade é tratada na sociedade distópica da narrativa: “Orwell demonstra muito claramente que num sistema no qual o conceito de verdade como julgamento objetivo acerca da realidade é abolido, todo aquele que constituir uma minoria de um só deve ser convencido de que é insano” (p. 374). Na ficção distópica de Orwell, esse é o objetivo do regime autoritário. Em outras palavras, a figura torturadora O’Brien convence Winston de que ele está sozinho com suas estúpidas ideias, as quais não passam de insanidade. Assim, sempre que Winston tenta retomar seus antigos pensamentos, ele prontamente oblitera o questionamento, retornando às “rédeas” do Partido, que chama essa atitude de “brecacrime”: “A mente precisava desenvolver um ponto cego sempre que um pensamento perigoso viesse à tona. O processo devia ser automático, instintivo. *Brecacrime*, era sua denominação em Novafala”<sup>23</sup> (ORWELL, 2009, p. 324).

O terceiro e último estágio é o da cura. Nesse ponto do romance, Winston estará totalmente entregue ao figurado sistema, sem questionamentos, sem dúvidas, sem resistências. O velho Winston, que tinha sede de descobrir como tudo funcionava antes do regime autoritário, que tinha raiva de pessoas que seguiam fielmente as normas impostas por ele e que ia ao êxtase com a quebra das regras, esse Winston demonstra se findar. Quando questionado por O’Brien sobre seus sentimentos pelo Partido, responde: ““Eu o odeio””<sup>24</sup> (ORWELL, 2009, p. 328). E então O’Brien dá o ultimato: ““Você o odeia. Muito bem. Então chegou a hora de dar o último passo. Tem de amar o Grande Irmão””<sup>25</sup> (ORWELL, 2009, p. 328).

As instâncias de tortura representadas na narrativa de *1984* analisadas neste estudo começam a partir do momento em que os/as “criminosos/as” são levados ao ironicamente nomeado Ministério do Amor, onde Winston e Julia, protagonistas da resistência ao sistema autoritário, sofrem as consequências de seus atos. A característica “sem saída” das imagéticas realidades das personagens é apontada por Clément Rosset (*apud* DIAS, 2005) como “crueldade do real”, a qual “[...] reside no ‘caráter único, e consequentemente irremediável e inapelável desta realidade’ [...]” (p. 91). No romance, as disposições de vida são inteiramente iguais para cada um/a, ou seja, todos/as devem obedecer às ordens do sistema totalitário, sendo excluídas quaisquer alternativas divergentes do que lhes é imposto.

---

<sup>23</sup> “The mind should develop a blind spot whenever a dangerous thought presented itself. The process should be automatic, instinctive. *Crimestop*, they called it in Newspeak” (ORWELL, 2018, p. 281).

<sup>24</sup> ““I hate him”” (ORWELL, 2018, p. 284).

<sup>25</sup> ““You hate him. Good. Then the time has come for you to take the last step. You must love Big Brother”” (ORWELL, 2018, p. 284).

Ao chegar no Ministério, a personagem Winston encontra-se na “antecâmara” (MATTOSO, 1984, p. 8), isto é, antes do lugar da tortura<sup>26</sup> propriamente dito. Em outras palavras, Winston está na sala de espera. No entanto, por vezes o protagonista é direcionado a salas em que as figurações de sevícias acontecem de diferentes formas, analisadas nesta seção. Para o propósito deste estudo, a abordagem à metaforização da tortura será desdobrada, para fins analíticos, em três configurações: desorientação e confusão mental; privações; e dor e intimidação. Os passos adiante incluem as análises dos trechos selecionados de *1984*, com base em figurações dos elementos da tortura que se relacionam com as considerações de Glauco Mattoso (1984), evidenciando o processo acima discutido de reconstrução de personalidade do protagonista do romance orwelliano.

### 3.1 Desorientação e Confusão Mental

A Parte III de *1984* é iniciada da seguinte maneira: “Ele não sabia onde estava. Talvez no Ministério do Amor, mas não havia como ter certeza”<sup>27</sup> (ORWELL, 2009, p. 267). Ao chegar no Ministério, um aspecto da mimética tortura é revelado: a personagem está desorientada, sem saber onde se encontra. A desorientação tem a finalidade de preparar a vítima para a tortura propriamente dita, fazendo-a sentir-se deslocada e desconfortável, deixando-a vulnerável. Conforme pontua Mattoso (1984):

A tortura é antes de tudo um choque, uma surpresa. Por mais que você pense estar preparado para uma situação dessas, vai estranhar logo de cara o *ambiente*. Para que o ambiente seja estranho ao máximo, é preciso que *não saiba* exatamente onde está (p. 11-12).

O autor denomina esse choque “desnorreamento” e “confusão mental” (p. 13), o que acontece com a personagem fictícia Winston Smith: ele perde a noção espacial<sup>28</sup> tanto pela dúvida sobre o local quanto pela disposição de sua cela: “Estava numa cela sem janelas, de teto alto e paredes cobertas de reluzentes azulejos brancos”<sup>29</sup> (ORWELL, 2009, p. 267). Complementando o desnorreamento evocado pela obra de Orwell e descrito por Mattoso (1984), os/as prisioneiros/as também perdem a noção temporal, conforme evidenciado pela fala de Ampleforth, uma das personagens que compartilham a cela com Winston: “Não há diferença

<sup>26</sup> “É a *sala do pau*, nas delegacias da polícia civil, ou *salão de baile* (onde o preso *dança*) ou a roxa *boate*, na PE carioca, ou a *fossa*, no DOPS gaúcho, e assim por diante” (MATTOSO, 1984, p. 13).

<sup>27</sup> “He did not know where he was. Presumably he was in the Ministry of Love; but there was no way of making certain” (ORWELL, 2018, p. 229).

<sup>28</sup> “[...] o importante é que você não se sinta em casa” (MATTOSO, 1984, p. 13).

<sup>29</sup> “He was in a high-ceilinged windowless cell with walls of glittering white porcelain” (ORWELL, 2018, p. 229).

entre o dia e a noite neste lugar”<sup>30</sup> (ORWELL, 2009, p. 273). Isso acontece porque existem luzes muito claras e que nunca se apagam<sup>31</sup>, impedindo a percepção de mudanças cronológicas. Nesse momento da narrativa, a célebre frase proferida pela personagem O’Brien “Ainda nos encontraremos no lugar onde não há escuridão”<sup>32</sup> (ORWELL, 2009, p. 36) começa a fazer sentido para o prisioneiro Winston: “Sabia instintivamente que naquele lugar as luzes nunca se apagavam. Era o lugar onde não havia escuridão [...]”<sup>33</sup> (ORWELL, 2009, p. 271), reflete o protagonista.

Além da perda das noções espacial e temporal, o algoz confunde a mente de Winston em relação à realidade, fazendo-o duvidar de si mesmo e questionar sua sanidade, conforme é declarado ao protagonista no seguinte trecho durante uma das sessões: “Você é mentalmente desequilibrado. Tem problemas de memória. Não consegue se lembrar de acontecimentos reais e convence a si mesmo de que se recorda de coisas que nunca aconteceram. Felizmente, isso tem cura”<sup>34</sup> (ORWELL, 2009, p. 289). Nessa cena, a figura algoz de O’Brien performa o processo de confusão mental em Winston, demonstrando que, com as torturas, ele será “curado”. Assim, o antagonista O’Brien impõe a Winston que a verdade pertence somente ao Partido e que o protagonista precisa se autodestruir e se humilhar para compreender tais informações e conquistar a sanidade mental. Essa manipulação é alcançada por meio do esgotamento mental da vítima, expresso no seguinte trecho do romance:

[...] o propósito daquilo tudo era apenas humilhá-lo e minar sua capacidade de argumentação e raciocínio. A verdadeira arma deles era o interrogatório inclemente, questionamentos que se estendiam por horas a fio, sem interrupção, durante os quais o induziam a uma série de erros, pregavam-lhe peças, distorciam tudo o que ele dizia, incriminando-o a cada passo com mentiras e contradições até que ele começava a chorar não só de vergonha como também de exaustão nervosa<sup>35</sup> (ORWELL, 2009, p. 285).

Com isso, a personagem torturada perde gradualmente sua individualidade, outro aspecto clássico do gênero literário distopia, discutido na seção “A tortura: sentidos e figurações no romance” acima, e o Partido domina sua mente. Quando isso acontece, o protagonista da

<sup>30</sup> ““There is no difference between night and day in this place”” (ORWELL, 2018, 235).

<sup>31</sup> “[...] iluminação especial”, segundo nos lembra Mattoso (1984, p. 13).

<sup>32</sup> ““We shall meet in the place where there is no darkness”” (ORWELL, 2018, p. 25).

<sup>33</sup> ““In this place, he knew instinctively, the lights would never be turned out. It was the place with no darkness [...]” (ORWELL, 2018 p. 233).

<sup>34</sup> ““You are mentally deranged. You suffer from a defective memory. You are unable to remember real events, and you persuade yourself that you remember other events which never happened. Fortunately it is curable” (ORWELL, 2018, p. 248).

<sup>35</sup> “[...] the aim of this was simply to humiliate him and destroy his power of arguing and reasoning. Their real weapon was the merciless questioning that went on and on, hour after hour, tripping him up, laying traps for him, twisting everything that he said, convicting him at every step of lies and self-contradiction, until he began weeping as much from shame as from nervous fatigue” (ORWELL, 2018, p. 245).

narrativa passa a desprezar suas crenças e a encontrar sentido nas “verdades” do Partido, conforme evidenciado por suas reflexões: “[...] ‘o Partido diz que a Terra é plana’, ‘o Partido diz que o gelo é mais pesado que a água’ — e treinava para não ver ou não entender os argumentos que as contradiziam”<sup>36</sup> (ORWELL, 2009, p. 325). Desse modo, O’Brien penetra na mente do protagonista vitimado, que concorda com as ideias absorvidas no Ministério: “Talvez o desequilíbrio mental pudesse mesmo acontecer: foi esse o pensamento que selou sua derrota”<sup>37</sup> (ORWELL, 2009, p. 291), diminuindo sua resistência à lavagem cerebral, como pontua Erich Fromm (1961): “[...] não tem mais consciência da discrepância entre verdade e falsidade” (ORWELL, 2009, p. 376). Essa preparação mental na vítima serve para que ela passe a concordar, sem questionamentos, dos ideais do regime autoritário, de modo que seu objetivo é destruir pensamentos contrários a ele para se manter seguramente no poder.

### 3.2 Privações

Nesta subseção, abordo as privações sofridas pelo prisioneiro Winston na cela em que permanece dentro do Ministério do Amor. Lá, ele experiencia um tipo de tortura proporcionado pelas circunstâncias figurativas a que lhe submetem. Fora da ficção, Mattoso (1984) pontua algumas dessas circunstâncias:

Agora, ao invés de levar de sobra, você vai passar necessidades. Antes de tudo, a falta de conforto, ou seja, você não está em casa, lembra-se? Depois, a falta de higiene, a falta de luz, a falta de calor ou de ar fresco. Por fim, as privações que pode definhá-lo lentamente e alterar-lhe não só a fisionomia como a personalidade: a *fome*, que pode obrigá-lo a comer coisas que você nem cheiraria; a *sede*, que o força a beber aquilo que já foi bebido; e a *insônia* forçada, que lhe provoca alucinações e pode pirar (p. 25).

As privações de necessidades essenciais ao ser humano são cruciais para determinados objetivos de torturadores, uma vez que, conforme Mattoso, elas podem alterar a personalidade de uma pessoa, levando-a até mesmo à demência. Na ficção de Orwell, a escassez tem a função de deixar os/as criminosos/as mais suscetíveis a renderem-se às ideias do Partido, pois as vítimas saem de estados mentais sadios para um estado alterado de suas percepções, perdendo parte de suas capacidades lógicas. Representando a desnutrição, a primeira privação sentida pelo protagonista do romance orwelliano é a fome: “[...] estava com fome, uma fome feroz, que o atormentava”<sup>38</sup> (ORWELL, 2009, p. 267). Em uma cena agonizante do romance, um dos

<sup>36</sup> “[...] ‘the Party says the earth is flat’, ‘the Party says that ice is heavier than water’ – and trained himself in not seeing or not understanding the arguments that contradicted them” (ORWELL, 2018, p. 281).

<sup>37</sup> “Perhaps that lunatic dislocation in the mind could really happen: that was the thought that defeated him” (ORWELL, 2018, p. 250).

<sup>38</sup> “[...] he was also hungry, with a gnawing, unwholesome kind of hunger” (ORWELL, p. 229).

prisioneiros é socado pelos guardas do sistema e deixa cair um pequeno pedaço de pão que escondera em seu bolso, mas ninguém pode tocá-lo, sendo todas as pessoas prisioneiras e esfomeadas obrigadas a simplesmente fitarem o pão caído, imaginando que ele poderia aliviar minimamente suas barrigas famintas, conforme descrito na passagem: “O pedaço de pão continuava onde o homem sem queixo o deixara cair. No começo era preciso um grande esforço para não olhar, mas logo a fome deu lugar à sede”<sup>39</sup> (ORWELL, 2009, p. 280). Sinalizando a desidratação, a sede também representa uma privação de elementos fundamentais para a sobrevivência humana, implicando prejuízos físicos e psicológicos, conforme já esclarecido. Ademais, o protagonista também sofre com a abstenção do sono tanto pelo fato de as luzes nunca se apagarem como por não haver conforto no local, conforme ilustrado no seguinte trecho do romance:

Lâmpadas ocultas inundavam o espaço com uma luz branca, e havia um zumbido baixo e constante que ele achava que devia ter alguma coisa a ver com o suprimento de ar. Um banco, ou uma prateleira de largura apenas suficiente para que a pessoa se sentasse corria ao longo da parede, com a porta como única interrupção [...]”<sup>40</sup> (ORWELL, 2009, p. 267).

Nessa passagem, Winston experimenta algumas situações desagradáveis e desconfortáveis no ambiente: não há janelas e, portanto, não há ar fresco; as lâmpadas e o zumbido dificultam o sono; e o banco em que se sentam possui unicamente tal função: servir de assento. Mais uma vez a figuração do Partido oblitera a sanidade mental dos/as prisioneiros/as ao privá-los/as do sono, um outro elemento fundamental para o pleno funcionamento da consciência humana. Na falta de comida, água e sono, o Partido altera a percepção da realidade que os/as rodeia, facilitando seu objetivo de capturar a personalidade deles/as para a reforma principal.

### 3.3 Dor e Intimidação

Glauco Mattoso (1984) aponta uma gama de variações de tipos de torturas físicas, em que uma pessoa é de fato tocada: “[...] as escoriações, contusões, lesões, fraturas e demais machucadinhos seriam provas inequívocas da tortura, num hipotético exame de corpo-de-delito” (p. 26), toques que genericamente são denominados “sevícias” (p. 14). Na narrativa orwelliana, há um assustador equipamento de tortura, controlado pela figura O’Brien, capaz de infligir dor a Winston em uma escala de intensidade de 0 a 100 sem que o carrasco sequer toque

<sup>39</sup> “The piece of bread still lay where the chinless man had dropped it. At the beginning it needed a hard effort not to look at it, but presently hunger gave way to thirsty” (ORWELL, 2018, p. 241).

<sup>40</sup> “Concealed lamps flooded it with cold light, and there was a low, steady humming sound which he supposed had something to do with the air supply. A bench, or shelf, just wide enough to sit on ran round the wall, broken only by the door [...]” (ORWELL, 2018, p. 229).

a vítima. Durante as sessões de tortura, o algoz faz questionamentos ao protagonista e, de acordo com as respostas obtidas, escolhe a potência da dor infligida, que praticamente rompia os ligamentos da vítima, incluindo suas vértebras: “[...] sentia o corpo sob o efeito de uma força deformadora, as juntas sendo lentamente descoladas. [...] o pior de tudo era o medo de que sua coluna estivesse prestes a se partir”<sup>41</sup> (ORWELL, 2009, p. 288). Com esse instrumento, o carrasco reeduca a mente da vítima, introduzindo as ideias e conceitos que ela deve absorver.

Com a dor física, obtém-se também a intimidação, uma vez que o indivíduo fica apavorado com o pensamento de ser novamente machucado e condiciona a própria mente a ceder aos desejos do torturador. Em conformidade com Mattoso (1984), ao considerar os objetivos das torturas durante a época da Inquisição: “O que efetivamente se pretendia era aterrorizar as populações e com isso manter intangível o poder clerical” (p. 42). Dito isso, o objetivo da intimidação é a perpetuação do poder ao evitar que as pessoas se rebellem contra o sistema vigente, pois estão demasiado aterrorizadas com o que lhes pode acontecer. Na narrativa orwelliana, o Partido também visa à manutenção do poder, fazendo com que os indivíduos se sintam constantemente ameaçados por essa forma de governo. O trecho seguinte ilustra a sensação experimentada por Winston ao ouvir o som de botas fora de sua cela, evidenciando essa intimidação: “Mais uma vez ouviu-se o som de botas lá fora. As vísceras de Winston se contraíram. Logo, muito em breve, talvez dentro de cinco minutos, talvez naquele exato instante, um ruído de botas iria significar que sua hora tinha chegado”<sup>42</sup> (ORWELL, 2009, p. 274). Nessa linha de interpretação, também cabe uma associação à tortura psicológica, considerando que a intimidação está relacionada com o medo. Sobre esse tipo de tortura, Mattoso (1984) pontua que ela pode acontecer de diversas formas, como:

[...] ameaçá-lo [ao sujeito torturado] de morte e fingir que vão executá-lo; obrigá-lo a ouvir e ver outras pessoas (talvez da sua família) sendo torturadas; mantê-lo em isolamento e silêncio total ou ensardinhá-lo numa cela apinhada de gente em pé, debaixo de barulheira ensurdecadora [...] (p. 27).

Na narrativa de Orwell, enquanto Winston Smith está na “antecâmara”, ele presencia algumas situações assustadoras, como personagens sendo agredidas ou passando mal – seja de fome ou de dor –, vigilância, controle e zumbido ininterruptos, luzes constantemente acesas, personagens sendo chamadas para o misterioso Quarto 101 e ameaças contra sua integridade. As características do medo e da intimidação estão representadas no seguinte trecho do romance, em que uma das personagens prisioneiras se levanta para oferecer um pedaço de pão a outra,

<sup>41</sup> “[...] but his body was being wrenched out of shape, the joints were being slowly torn apart. [...] the worst of all was the fear that his backbone was about to snap” (ORWELL, 2018, p. 248).

<sup>42</sup> “Once more there was a sound of boots outside. Winston’s entrails contracted. Soon, very soon, perhaps in five minutes, perhaps now, the tramp of boots would mean that his own turn had come” (ORWELL, 2018, p. 235).

ação interpretada de maneira expressivamente ruim pelas teletelas, fazendo com que o homem de pé seja severamente punido:

Este homem posicionou-se na frente do sujeito sem queixo e então, a um sinal do oficial, acertou um tremendo soco, impulsionado por todo o peso de seu corpo, em cheio na boca do homem sem queixo. A força daquele soco deu a impressão de levantar o prisioneiro do chão. Seu corpo foi arremessado para o outro lado da cela, indo cair junto à base do vaso sanitário. Por um momento ficou ali caído, atordoado, com sangue escuro escorrendo da boca e do nariz. Ouviu-se um gemido ou um guincho muito débil, que parecia inconsciente. Em seguida ele rolou e ficou de quatro, apoiando-se, inseguro, nas mãos e nos joelhos. Em meio a uma torrente de sangue e saliva, as duas metades de uma dentadura caíram-lhe da boca<sup>43</sup> (ORWELL, 2009, p. 278).

As testemunhas – pessoas também aprisionadas – presenciam o ocorrido, no entanto, sentem-se demasiadamente intimidadas para realizar qualquer ação de ajuda ao homem sem queixo, permanecendo todas sentadas e quietas.

Na sessão seguinte, discuto a relação existente entre o autor George Orwell e ratos, que são utilizados na principal e última etapa das torturas na narrativa, bem como a construção ficcional do Quarto 101, em que acontece o clímax do romance orwelliano.

---

<sup>43</sup> “He took his stand opposite the chinless man, and then, at a signal from the officer, let free a frightful blow, with all the weight of his body behind it, full in the chinless man’s mouth. The force of it seemed almost to knock him clear of the floor. His body was flung across the cell and fetched up against the base of the lavatory seat. For a moment he lay as though stunned, with dark blood oozing from his mouth and nose. A very faint whimpering or squeaking, which seemed unconscious, came out of him. Then he rolled over and raised himself unsteadily on hands and knees. Amid a stream of blood and saliva, the two halves of a dental plate fell out of his mouth” (ORWELL, 2018, p. 239).

## 4 QUARTO 101: O CLÍMAX

Uma das maiores construções de mistério ao final do romance *1984* concentra-se na representação do Quarto 101, inflamando tanto a curiosidade da personagem principal e dos/as demais prisioneiros/as quanto de leitores e leitoras, pois o lugar é mencionado diversas vezes, mas a sua revelação é sempre adiada. O Quarto é representado como um estágio ainda pior do que a “antecâmara”, para onde as personagens são levadas e algo significativamente ruim acontece, sendo até mesmo a morte um acontecimento cogitado: “A tortura a que O’Brien o submetera deixara-o à beira da demência, e em breve O’Brien certamente o mandaria para a morte”<sup>44</sup> (ORWELL, 2009, p. 296). Precisamente sobre este tipo de tortura, Mattoso (1984) tece o seguinte comentário: “Ora, indolor ou não, a morte já é tortura enquanto pura expectativa. Logo, é psicológica antes de ser ou não fisicamente cruel” (p. 32). Decerto, o mistério do Quarto 101 provoca indagações como *por que ser enviado/a para lá* e, principalmente, *o que acontece lá*, mantendo a figuração da tortura psicológica nos/as prisioneiros. Apenas nos dois últimos capítulos do livro o grande mistério é desvelado. Quando O’Brien entra no temido Quarto, Winston já lá se encontra imobilizado, e o carrasco orchestra suas últimas lições: “O que há no Quarto 101 é a pior coisa do mundo”<sup>45</sup> (ORWELL, 2009, p. 330), esclarece aos poucos. “A pior coisa do mundo”, disse O’Brien, ‘varia de indivíduo para indivíduo’<sup>46</sup> (ORWELL, 2009, p. 330). Na sequência da narrativa, é revelado que essa coisa é o medo mais abissal de cada pessoa. No caso da personagem Winston, seu medo mais insuportavelmente aterrador são ratos.

O autor de *1984*, George Orwell, possui certo histórico com roedores, considerando que precisou lidar com eles ao longo de sua juventude, assim como durante o período em que combateu na Guerra Civil Espanhola. De acordo com o escritor D. J. Taylor<sup>47</sup> em sua coluna intitulada “Orwell and the Rats” [Orwell e os Ratos]: “Na sua juventude, Orwell deve ter visto um rato a contorcer-se debaixo de alguma porta e essa imagem deve tê-lo marcado, fornecendo uma pequena e clara metáfora para suas questões” (TAYLOR, 2021)<sup>48</sup>. Além disso, Taylor pontua que o passatempo de Orwell era atrair ratos para armadilhas e depois matá-los, atirando neles. E durante seu período como combatente na Espanha, o autor de *1984* precisou enfrentar

<sup>44</sup> “O’Brien had tortured him to the edge of lunacy, and in a little while, it was certain, he would send him to his death” (ORWELL, 2018, p. 255).

<sup>45</sup> “‘The thing that is in Room 101 is the worst thing in the world’” (ORWELL, 2018, p. 285).

<sup>46</sup> “‘The worst thing in the world’, said O’Brien, ‘varies from individual to individual’” (ORWELL, 2018, p. 285).

<sup>47</sup> Autor da biografia de George Orwell *Orwell: The Life* [A vida de Orwell] (2003).

<sup>48</sup> “In his early life Orwell must have watched a rat squirming under a door, and the image had stayed with him to provide a neat little metaphor for his own affairs” (TAYLOR, 2021).

ratos que compartilhavam o mesmo alojamento que ele, e então um de seus colegas apontou que Orwell tinha uma espécie de fobia de roedores, comenta D. J. Taylor.

A tortura com animais é categorizada como “fauna” pelo autor Glauco Mattoso (1984), o qual pontua que os roedores eram utilizados da seguinte forma<sup>49</sup>: “[...] o rato pode ser colocado dentro de um penico, no qual você tem que sentar e ao qual é amarrado. Aquecido o penico, o resto (ou o reto) é por conta do rato” (p. 23). Na história geral, esses animais são uma maneira clássica de tortura, utilizados primeiro pelo rebelde e líder revolucionário alemão Diederik Sonoy durante a Revolta Holandesa em meados do século XVII, de acordo com o “Torture Museum Private Collection” [Coleção Privada do Museu da Tortura]. Nessa época, uma pequena jaula sem fundo, com um rato dentro, era presa à barriga do/a prisioneiro/a. Em seguida, era colocado carvão quente em um compartimento no topo da jaula, fazendo com que ela esquentasse, deixando o rato agitado em busca de fuga. Como não conseguia roer o dispositivo, sua única saída era cavar a barriga da vítima, que agonizava de excruciante dor. Esse tipo de tortura foi considerado muito eficaz porque causava nas vítimas extremo medo, nojo e dor, como pontua o escritor Peter Preskar (2021), em sua coluna “Rat Torture” [Tortura com Ratos]: “O medo é uma ferramenta de interrogatório muito mais poderosa do que a dor”<sup>50</sup>, considerando que muitas vítimas chegavam a realizar qualquer tipo de confissão apenas ao visualizar os roedores. Também há registros da tortura com ratos nas masmorras da Torre de Londres, em que, segundo o colunista Wyatt Redd (2021), por meio da elevação do Rio Tâmisa, roedores famintos entravam nas masmorras e comiam a carne dos/as prisioneiros/as.

Figura 1 - **Manequim simbolizando a tortura com ratos no abdômen mencionada acima.**<sup>51</sup>



<sup>49</sup> Mattoso (1984) aponta que na Roma Antiga existiu uma variação desse tipo de tortura “[...] onde um escaravelho ou outro inseto era colocado sobre o corpo da vítima e tampado com um vaso [...]” (p. 39).

<sup>50</sup> “Fear is a far more powerful interrogation tool than the pain” (PRESKAR, 2021).

<sup>51</sup> Disponível em: <<https://historyofyesterday.com/rat-torture-bc17cf72400b>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

Retomando o comentário sobre o Quarto 101, a personagem O'Brien entra no cômodo carregando consigo um simbólico objeto de tortura parecido com uma gaiola, com ratos famintos e agitados dentro dele, aterrorizando de forma medonha todos os sentidos de sua vítima. O dispositivo configura-se em uma máscara com uma divisória que separa a carne humana do animal faminto, e o torturador possui total controle desse equipamento. Ao abrir a divisória, os ratos esfomeados prontamente devorarão a face amedrontada de Smith:

Assim que pôs os olhos na gaiola, Winston sentira uma espécie de calafrio premonitório, um temor indefinido. Porém agora, subitamente, o significado daquele acessório que lembrava uma máscara ficou claro para ele. Teve a impressão de que seus intestinos viravam água<sup>52</sup> (ORWELL, 2009, p. 330).

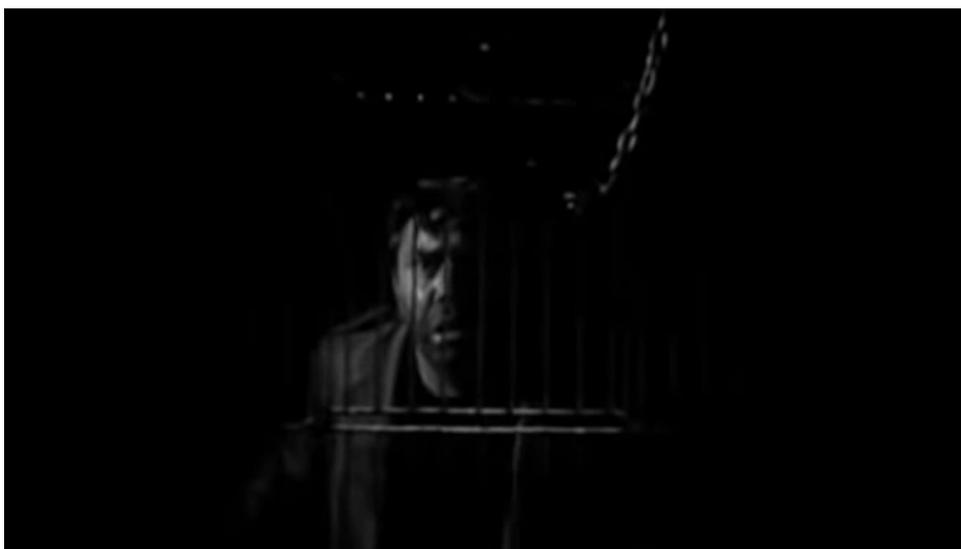
Figura 2 - Cena do filme *1984* (1984), adaptação do romance de George Orwell, mostra o ato de tortura com ratos.<sup>53</sup>



<sup>52</sup> “A sort of premonitory tremor, a fear of he was not certain what, had passed through Winston as soon as he caught his first glimpse of the cage. But at this moment the meaning of the mask-like attachment in front of it suddenly sank into him. His bowels seemed to turn to water” (ORWELL, 2018, p. 286).

<sup>53</sup> Disponível em: <<https://fotos.estadao.com.br/fotos/alias,1984,985353>>. Acesso em: 26 ago. 2021.

Figura 3 - Captura de tela de cena do filme *1984* (1956), evidenciando o mesmo ato de tortura.<sup>54</sup>



Na passagem do romance, representada nas traduções para o cinema pelas figuras 2 e 3 acima, o protagonista fica visceralmente apavorado a ponto de sentir sintomas físicos advindos do medo. Nesse ponto da narrativa, a figura O'Brien explica o propósito de performar tão extremo nível de terror, anunciando que, além da tortura física, a tortura psicológica também é indispensável para a captura da mente do/a prisioneiro/a, uma vez que o tipo de tortura utilizado pelo carrasco provoca sensação de encurralamento, deixando a vítima sem opções de escape, precisando renunciar a sua verdadeira essência:

“Por si só”, disse [O'Brien], “nem sempre a dor é suficiente. Há ocasiões em que o ser humano resiste à dor e morre sem se entregar. Mas para todo mundo existe algo intolerável — algo para o qual não consegue nem olhar. [...] É o que acontece com os ratos. Você não os tolera. São uma forma de pressão a que você não consegue resistir, nem que queira. Fará o que queremos que faça”<sup>55</sup> (ORWELL, 2009, p. 331).

O protagonista Winston não suporta a última instância no Ministério do Amor: o Quarto 101 o derrota. Ratos não. Ratos seriam seu fim. Busca, de todas as formas, uma fagulha de esperança, uma fuga ao pânico e afirma para si próprio que deve haver uma maneira de não ter que passar pelo cenário mais agonizante de toda a sua vida. Quando a gaiola se aproxima de seu rosto, ele se desespera:

De repente, o odor pútrido e bolorento dos ratos alcançou suas narinas. Foi tomado por uma violenta convulsão de náusea e quase perdeu a consciência. Tudo ficara preto. Por um instante tornou-se um demente, um animal uivante. Contudo, regressou do negrume agarrado a uma ideia. Havia uma e somente uma maneira de se salvar.

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fpGThhWTW2E>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

<sup>55</sup> “‘By itself’, he said, ‘pain is not always enough. There are occasions when a human being will stand out against pain, even to the point of death. But for everyone there is something unendurable – something that cannot be contemplated. [...] It is the same with the rats. For you they are unendurable. They are a form of pressure that you cannot withstand, even if you wished to. You will do what is required of you’” (ORWELL, 2018, p. 287).

Precisava introduzir outro ser humano, o *corpo* de outro ser humano, entre si mesmo e os ratos<sup>56</sup> (ORWELL, 2009, p. 333).

Este é um momento crucial no romance, em que *tudo* acontece: a culminância do brutal objetivo de O'Brien, tomando tudo do protagonista para si. Este é o instante em que a personagem Winston deixa de ser ele mesmo, perde sua individualidade, pois o Partido toma o que antes lhe era intocado, inalterado, indiscutivelmente imaculado e sob seu controle: o amor que sentia por Julia. Sucumbindo ao desespero, entrega-se por completo ao Partido: “Ponha a Julia no meu lugar! Faça isso com a Julia! Não comigo! Com a Julia! Não me importa o que aconteça com ela. Deixe que esses ratos estraçalhem o rosto dela, que a roam até os ossos. Eu não! Julia! Eu não!”<sup>57</sup> (ORWELL, 2009, p. 333). Imediatamente os animais símbolos da tortura mais extrema do romance orwelliano são afastados de Winston, e as práticas cessadas. Com efeito, o protagonista da narrativa não é mais o mesmo rebelde silencioso e ávido por desvendar o mistério do mundo antes das imposições inevitáveis do autoritário governo, bem como um amante da também rebelde Julia. Na Europa do século VI, Mattoso (1984), o propósito das torturas era a “renegação da fé” (p. 40). Em símile, na fictícia obra *1984*, o propósito do Partido era dominar a mente dos/as criminosos/as, visando a uma renegação individual para que os/as reformados/as pensassem enquanto coletivo – enquanto o próprio Partido. Essa total submissão faz com que o tema da tortura na obra de Orwell dialogue com o pessimismo distópico, que foi discutido em relação às distopias clássicas conforme definidas por Sargent (1994) e Moylan (2016) na seção “A tortura: sentidos e figurações no romance”, acima.

Após os horrendos eventos ocorridos, o protagonista continua sua vida, mas não da mesma forma. Por vezes, faz reflexões acerca de sua trajetória e das coisas em que acreditou, no entanto, dá razão ao Partido, admitindo que eles podem sim dominar qualquer um/a. Certo dia, encontra Julia. Os dois não mais apaixonados e com sensações e sentimentos esquisitos mútuos em relação ao outro: ela o olha com aversão. Diálogos rasos são performados, sem medo de serem descobertos, pois não mais fazia diferença: ambos haviam vivenciado o Quarto 101, ambos se entregaram, se renderam e confessaram suas traições: “‘Eu traí você’, disse ela simplesmente. ‘Eu traí você’, disse ele”<sup>58</sup> (ORWELL, 2009, p. 340). Depois desse encontro, os

---

<sup>56</sup> “Suddenly the foul musty odour of the brutes struck his nostrils. There was a violent convulsion of nausea inside him, and he almost lost consciousness. Everything had gone black. For an instant he was insane, a screaming animal. Yet he came out of the blackness clutching an idea. There was one and only one way to save himself. He must interpose another human being, the *body* of another human being, between himself and the rats” (ORWELL, 2018, p. 288).

<sup>57</sup> “Do it to Julia! Do it to Julia! Not me! Julia! I don’t care what you do to her. Tear her face off, strip her to the bones. Not me! Julia! Not me!” (ORWELL, 2018, p. 289).

<sup>58</sup> “‘I betrayed you,’ she said baldly. ‘I betrayed you,’ he said” (ORWELL, 2018, p. 294).

(ex-)representantes da resistência nunca mais se veem. E tal fato não faz diferença para Winston – tampouco para Julia. Winston parece estar confortável com seu novo “eu”. Na verdade, não sente vontade de alterar nada. Assim, o Partido finalmente consegue dominar a mente dos ex-amantes por completo. O romance se encerra, então, dentro do simbólico Café da Castanheira. Não há mais problemas, e o protagonista está curado, tendo completado o último estágio das sessões de tortura, entregando o seu amor ao Partido e ao Grande Irmão:

Olhou para o rosto descomunal. Quarenta anos haviam sido necessários para que ele descobrisse que tipo de sorriso se escondia debaixo do bigode negro. Ah, que mal-entendido cruel e desnecessário! Ah, que obstinado autoexílio do peito amoroso! Duas lágrimas recendendo a gim correram-lhe pelas laterais do nariz. Mas estava tudo bem, estava tudo certo, a batalha chegara ao fim. Ele conquistara a vitória sobre si mesmo. Winston amava o Grande Irmão<sup>59</sup> (ORWELL, 2009, p. 346).

Ao final dos três estágios de tortura da Parte III do romance de Orwell – aprendizado, compreensão e aceitação – nós, leitores e leitoras, tomamos conhecimento dos mistérios mais obscuros da narrativa, tais como: quais são as consequências para quem desrespeita as regras? Realmente não há como sair dessa realidade? Qual é o papel de O’Brien na narrativa? Qual será o preço que Winston pagará? Ainda, George Orwell encerra o romance de forma nem um pouco feliz, trazendo à tona práticas obscuras de manutenção da moral, respeito e poder por parte do Estado autoritário figurado da narrativa. Para o Partido, não bastava matar o herege, pois o pensamento ainda podia permanecer “vivo” na memória e nas ideias de rebeldes semelhantes a Winston e Julia. Com efeito, o Partido precisa capturar a individualidade das personagens, conforme pontua Evanir Pavloski (2014), autor do livro *1984: a distopia do indivíduo sob controle* (2014):

A intenção do Partido não é a de simplesmente aniquilar o indivíduo consciente e perigoso, mas a de inseri-lo novamente na sociedade como um sujeito produtivo e normalizado. O simples assassinato utilizado como punição para um crime ideológico tão grave como o de Winston representaria a confirmação de um insucesso do sistema de controle que sustenta o regime como um todo. Para que tal processo seja bem-sucedido, não basta condicionar o indivíduo, seja pela força ou pelo medo, a aceitar os desígnios do Grande Irmão. É necessário que o ideocriminoso assuma esses princípios como seus e participe de forma completamente sincera da idolatria que impera na sociedade oceânica. Só então o Partido terá logrado vitória sobre o espírito humano e sobre a individualidade (p. 219).

Esta passagem de Pavloski (2014) esclarece a razão por trás do objetivo estatal de reformar a personalidade das personagens que se rebelam contra seus ideais, uma vez que ideias contrárias ao regime não podem e não devem se propagar, pois ameaçam sua integridade e longevidade.

---

<sup>59</sup> “He gazed up at the enormous face. Forty years it had taken him to learn what kind of smile was hidden beneath the dark moustache. O cruel, needless misunderstanding! O stubborn, self-willed exile from the loving breast! Two gin-scented tears trickled down the sides of his nose. But it was all right, everything was all right, the struggle was finished. He had won the victory over himself. He loved Big Brother” (ORWELL, 2018, p. 300).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ECOS NA CONTEMPORANEIDADE

Em *1984*, as representações das práticas de torturas simbolizam o meio pelo qual a figura autoritária de governo consegue se manter sempre no poder e impedir que revoltosos/as se rebellem contra ela, fazendo com que sua soberania perca por anos a fio. Sob essa perspectiva, Erich Fromm (1961) pontua que: “Os líderes são conscientes do fato de que eles próprios têm apenas uma meta, que é o poder. Para eles, ‘o poder não é um meio; é um fim. E poder significa capacidade de infligir dor e sofrimento ilimitados a outro ser humano’” (ORWELL, 2009, p. 373). Sem resultados positivos de uma mudança significativa na disposição da sociedade da narrativa, a personagem Winston fracassa em todos os sentidos de uma possível revolta contra o regime autoritário, sofrendo as consequências disso. Por esse motivo, *1984* possui características de um “pessimismo antiutópico”. De acordo com Tom Moylan (2016),

[...] a narrativa dominante de sua total derrota – especialmente na cena de tortura na Sala 101 – é tão absoluta que nenhuma possibilidade de resistência existe no final do enredo. Além disso, não há possibilidade significativa de movimento ou resistência, muito menos de mudança radical [...] (MOYLAN, 2016, p. 101).

George Orwell nos conduz a uma reavaliação do impacto de regimes autoritários na sociedade. Nas óticas sociais, o romance em questão é um alerta de caráter admonitório sobre os aspectos relacionados à falta de privacidade, à vigilância e ao autoritarismo estatal, de modo que o autor, segundo Erich Fromm, “[...] deseja nos alertar e nos acordar” (ORWELL, 2009, p. 378). Ademais, Ben Pimlott (1989), também autor de um ensaio ao final da edição aqui utilizada do romance, pontua que *1984* “[é] um livro sobre o presente contínuo: uma atualização da condição humana” (p. 386). Esse presente remete-nos à vigilância hodierna, especialmente a virtual, que vem aumentando à medida que a tecnologia é cada vez mais aprimorada, e também à medida que tornamo-nos cada vez mais adeptos a ela. Conforme pontua Thomas Pynchon (2003), a internet configura “[...] uma criação que promete controle social numa escala com que aqueles singulares tiranos do século XX com seus bigodes engraçados nem sonhavam” (ORWELL, 2009, p. 405). Assim como na ficção de *1984*, nós, cidadãos e cidadãs atuais, também podemos estar sendo vigiados por pessoas sociopoliticamente superiores e com interesses específicos, como por exemplo por meio dos nossos aparelhos de celular, que possuem câmeras, microfones e marcadores precisos de localização, e estão conectados à maior rede de compartilhamento de dados e informações da atualidade: a internet. Luli Radfahrer (2021), escritor do Jornal da Universidade de São Paulo (USP), aponta que “[a]lguns aparelhos têm 15 sensores espalhados ao longo de seu corpo, tornando o celular uma verdadeira máquina de vigilância. E, como qualquer aspecto envolvendo vigilância, a privacidade do indivíduo pode estar correndo risco

[...]”, de modo que essas considerações conectam o gênero literário distopia à realidade contemporânea. Conforme tão adequadamente sublinha Pavloski, "Jeffrey Meyers sustenta que o romance em questão se define muito mais pelos seus vínculos com a realidade do que pelos recursos do fantástico presentes no texto” (PAVLOSKI, 2014, p. 65). Ainda que *1984* apresente um mundo ficcional e fantástico característico das narrativas distópicas, os aspectos coincidentes com a realidade contemporânea deixam os/as leitores e leitoras com a sensação de que eles possuem caráter potencial de se concretizarem. Dito isso, alguns questionamentos intrigantes são suscitados, em função da reflexão a respeito da distopia em aproximação à realidade: O que podemos fazer para desafiar a vigilância constante que se faz cada vez mais presente, embora com nossa total ou parcial permissão? Se encontrada uma solução de escape, seríamos nós novas versões de Winston Smith ao tentarmos colocá-la em prática? E deveríamos ser punidos/as por isso?

Um exemplo de forma de tortura na atualidade é a do governo chinês contra a etnia muçulmana uigure. De acordo com os autores Matthew Hill, David Campanale e Joel Gunter (2021) em reportagem da “BBC News Brasil”, esse grupo étnico é perseguido pelo Partido Comunista Chinês, o qual, por meio de torturas, visa à reforma política e religiosa dos/as prisioneiros/as. Em um “campo de reeducação” feminino chinês, as mulheres sofriam diversas formas de violência, tais como: “[o] cabelo das detidas era cortado, elas iam às aulas, passavam por exames médicos sem explicação, tomavam pílulas e eram injetadas à força a cada 15 dias com uma ‘vacina’ que provocava náuseas e dormência. As mulheres tinham DIUs colocados à força ou eram esterilizadas [...]”, além de serem submetidas a sessões de estupro envolvendo sempre dois ou três homens chineses, de acordo com uma das ex-prisioneiras. Além disso, durante a estadia no campo, elas tinham contato com todo tipo de informação para o culto ao atual presidente chinês Xi Jinping, e eram forçadas a aprender sobre ele por meio de leituras, canções e programas patrióticos na TV. Essa sistemática prática chinesa remete-nos à ficção de *1984*, uma vez que seus objetivos são similares: a manutenção do poder e soberania do presidente; além do meio para atingir esse fim também ser semelhante: confinamento, tortura e lavagem cerebral. Outro exemplo que demonstra a presença de tortura hodiernamente é uma reportagem da revista “Exame”, escrita por Clara Cerioni (2021), sobre o atual presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro violar um tratado do qual o Brasil participa desde 2007, o “Optional Protocol to the Convention Against Torture (OPCAT)” [Protocolo Opcional para a Convenção Contra Tortura]:

[...] os membros do órgão [Organização das Nações Unidas (ONU)] avaliam que o Decreto 9.831, assinado pelo presidente em 10 de junho, que alterou o funcionamento do Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura (MNPCT), vinculado ao

Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, ‘enfraqueceu severamente a política de prevenção da tortura no Brasil (CERIONI, 2021).

Assim como na passagem acima, em que o presidente dificulta o combate à tortura, sua característica a favor dessa prática também é evidenciada em sua veneração por torturadores da época da Ditadura Militar brasileira (1964-1985), bem como seu apreço ao retorno desse período, revelado em grande parte de seus discursos. Ressalta-se também sua defesa de que pessoas em situação de cárcere devem sofrer consequências violentas, com a veneração da célebre frase “bandido bom é bandido morto”, defendendo a punição fatal de criminosos/as em detrimento da reeducação social. Acentua-se que ilustro apenas algumas das motivações para nossa releitura de *1984* na contemporaneidade. São, porém, suficientes, pois apontam para o teor de criticidade que esta obra (ainda) pode suscitar no tocante às relações de poder entre os seres.

Ademais, ressalto a relevância deste estudo para fins pedagógicos, mais precisamente voltados ao ensino de língua inglesa. Enquanto docente de Língua Adicional (LA), tenho ciência de que nem sempre o interesse de meus/minhas estudantes é despertado ao aprender sobre a cultura de outros países e povos. No entanto, ao fazer uma aproximação entre o conteúdo ministrado e os gostos e preferências de meus/minhas discentes, a atividade pedagógica ganha uma maior efetividade, haja vista a relevância didática para com os/as estudantes. Essa aproximação entre conteúdo e estudante pode ser feita por meio das artes, como a literatura, a música e o audiovisual,<sup>60</sup> vieses artísticos que geralmente têm apreço popular. Com o romance de Orwell, posso realizar um projeto de leitura criativa, em que trechos são lidos ao longo do período letivo junto ao compartilhamento de impressões e possíveis dúvidas acerca do conteúdo ministrado. Além disso, também posso exercitar o Letramento Crítico, o qual suscita pensamento crítico-reflexivo dentro do processo de ensino-aprendizagem de uma LA, por meio de análise das relações de poder existentes dentro de discursos e inter-relações sociais, uma vez que, no romance de Orwell, a relação de poder entre protagonista e antagonista é definitiva em toda a narrativa: um fala e tortura, o outro obedece e é torturado. De acordo com Hillary Janks (2012), essa visão crítica a respeito do discurso “[...] permite aos participantes se engajarem *conscientemente* com as formas pelas quais os recursos semióticos são explorados para servir os interesses do produtor [do discurso]”<sup>61</sup> (p. 153). Nessa perspectiva, pode-se analisar a construção da personagem de torturador, sua figuração, lugares e modos de fala, sua posição de

---

<sup>60</sup> Como o romance já recebeu adaptações filmicas (cf. as figuras acima, ilustrativas de cenas de ambos), pode-se explorar fragmentos das duas versões, romance e filme, para uma abordagem intertextual e intermediática.

<sup>61</sup> “[...] enables participants to engage *consciously* with the ways in which semiotic resources have been harnessed to serve the interests of the producer [of the discourse]”.

poder, etc, enquanto também se analisa a figuração da personagem torturada, sua caracterização e submissão em relação ao antagonista. Além disso, também é possível problematizar a questão da privacidade hodierna, levantando debates e reflexões acerca das maneiras pelas quais os/as estudantes utilizam a internet no dia a dia, recurso cada vez mais presente na realidade dos/as discentes.

Por fim, este estudo visou a discorrer brevemente a respeito da história da tortura, bem como de sua evolução até as figurações de diferenciadas formas dessa prática, ilustradas por George Orwell em seu romance distópico *1984* (2009), discutindo também a respeito do gênero literário distopia, evidenciando-o tanto de forma geral, ao ilustrar aspectos comuns do gênero, assim como de forma específica dentro da narrativa em questão. Para isso, trechos da obra orwelliana foram cuidadosamente selecionados, a fim de demonstrar os elementos figurativos de tortura mais expressivos da narrativa: desorientação e confusão mental; privações; e dor e intimidação; elencados também com base teórica do autor Glauco Mattoso (1984) e suas considerações sobre tortura, demonstrando os objetivos finais de tais crueldades para com as personagens da narrativa. Ademais, este estudo também visou a contextualizar o/a leitor/a a respeito da temática com o uso de animais, em especial os ratos, uma vez que o protagonista do romance orwelliano tem extrema aversão a eles. Ao final do estudo, suscitou-se uma reflexão acerca da meticulosa vigilância e invasão de privacidade que a sociedade do século XXI pode estar vivenciando, por meio de seus aparelhos celulares – *smartphones* – altamente conectados à internet, e os perigos reais que isso pode representar, ilustrados pela fantástica obra de George Orwell: *1984*.

## REFERÊNCIAS

1984. Direção: Michael Radford. Estados Unidos: Umbrella-Rosenblum Films Productions, 1984. 1 DVD (113 min). Título original: Nineteen Eighty-Four.

1984. Direção: Michael Anderson. Reino Unido: Holiday Film Productions, 1956. 1 DVD (90 min). Título original: Nineteen Eighty-Four.

BALDAN, Édson Luís. CAMPILONGO, Celso Fernandes; GONZAGA, Alvaro de Azevedo; FREIRE, André Luiz (coords.); SANTOS, Christiano Jorge (coord. de tomo). Tortura In: *Enciclopédia Jurídica da PUC-SP*, tomo VIII. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2020, p. 2-25.

BRITO, Rodrigo José Meano. Crime de Tortura - Estudo de Caso Concreto, Com Análise Técnico-jurídica e Ponderações Sobre a Diferença Entre Tortura, Tratamento Desumano ou Cruel e Tratamento Degradante. *R. EMERJ*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 71, p. 81-87, Nov./Dez. 2015.

DIAS, Ângela Maria. As Cenas da Crueldade: Ficção Brasileira Contemporânea e Experiência Urbana. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 87-96, Jul./Dez. 2005.

FROMM, Erich. Posfácio. In: ORWELL, George. *1984*. Tradução Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 365-379.

HILL, Matthew; CAMPANALE, David; GUNTER, Joel. 'Objetivo Deles é Destruir Todo Mundo': Uigures em Campos de 'Reeducação' na China Relatam Estupros Sistemáticos. *BBC News Brasil*. 5 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55932384>>. Acesso em: 28 ago. 2021.

JANKS, Hillary. The importance of critical literacy. In: *English teaching: practice and critique*. South Africa: Wits University, v. 11, n. 1, p. 150-163, 2012.

MATTOSO, Glauco. *O que é tortura*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1984.

MOYLAN, Tom. *Distopia: fragmentos de um céu límpido*. Edição de Ildney Cavalcanti e Felipe Benício. Tradução de Felipe Benício, Pedro Fortunato e Thayrone Ibsen. Maceió: Edufal, 2016.

ORWELL, George. *1984*. Tradução Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Nineteen eighty-four*. London: Penguin English Library, 2018.

PADEN, Roger. Surveillance and Torture: Foucault and Orwell on the Methods of Discipline. *JSTOR*, Florida, 1984. *Social Theory and Practice*, vol. 10, no. 3, p. 261-271. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/23556565?origin=JSTOR-pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

PAVLOSKI, Evanir. *1984: a distopia do indivíduo sob controle*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

PIMLOTT, Ben. Posfácio. In: ORWELL, George. *1984*. Tradução Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 381-394.

PRESKAR, Peter. Rat Torture. *History of Yesterday*, 17 ago. 2020. Disponível em: <<https://historyofyesterday.com/rat-torture-bc17cf72400b>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

PYNCHON, Thomas. Posfácio. In: ORWELL, George. *1984*. Tradução Alexandre Hubner e Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 395-414.

RADFAHRER, Luli. Celulares Estão se Tornando Máquinas de Vigilância. *Jornal da USP*, São Paulo, 21 ago. 2020. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/celulares-estao-se-tornando-maquinas-de-vigilancia/>>. Acesso em: 28 ago. 2021.

REDD, Wyatt. The Stomach-turning History of Rat Torture – Perhaps History’s Worst Way to Die. *All That’s Interesting*, 30 nov. 2017. Disponível em: <<https://allthatsinteresting.com/rat-torture->

